

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
ANO V—Número 1.500  
Terça-feira, 16 de Outubro de 1923  
PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL  
TELEFONE — 5339-C  
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Pôr em liberdade os operários que há 100 dias se encontram detidos sem culpa formada, é um dever que se impõe para honra do regime e para que se termine com uma estúpida arbitrariedade.

## 100 dias de prisão arbitrária! O NAVIO SOVIETISTA NO TEJO

Demonstrada a inculpabilidade dos operários presos, só resta um caminho a seguir: A LIBERDADE!

JÁ não é só A Batalha que condena a atitude do governo ou autoridades no que respeita às longas detenções sem culpa formada. Outros jornais se têm referido ao assunto, não deixando ao mesmo tempo de lavar o seu protesto contra a maneira bárbara como são tratados os presos, aos quais a polícia tem espancado selvaticamente.

E' que o procedimento do governo e autoridades faz vibrar de indignação todos aqueles que possuem coração e reconhecem a arbitrariedade que há mais do que três meses se vem cometendo, conservando encarcerados na Torre de São Julião da Barra e nos calabouços do Governo Civil dezenas de trabalhadores acusados de bombistas e elementos perigosos à sociedade sem que até hoje se justificasse a acusação.

Como já dissemos, todas as autoridades se negam a assumir as responsabilidades de tais prisões, e isto ao fim de tanto tempo, não se sabendo portanto a quem recorrer para terminar com tanta estúpida arbitrariedade. O presidente do ministério e ministro do Interior, isto é o sr. António Maria da Silva, desapareceu e não providencia.

Está demonstrado, pela actividade das autoridades e governo, que os presos não cometeram delito algum, pois do contrário já os teriam entregues aos tribunais. Não sabem já que razões devem apresentar para justificar tanta longa clausura.

Sim, porque a opinião pública, pelas notícias de certos jornais que mais se evidenciaram na ocasião das prisões, ficou convencida de que de facto os operários presos eram criaturas terríveis, capazes de liquidar todos os burgueses existentes e por existir. Agora, constatando-se a inculpabilidade dos presos, a situação em que ficam esses jornais e as autoridades que forneceram as notícias não é muito agradável, e assim vêem-se seriamente embaraçados para justificar o seu procedimento.

E enquanto uns sacodem a água do capote e outros se mantêm num mutismo criminoso, os operários presos vão sofrendo os horrores do cativeiro até que o governo ou autoridades tenham a franqueza de declarar que as prisões fo-

ram arbitrárias e procederam por sugestão, por má fé ou violência premeditada.

Está verificado que não se justificam as prisões e por isso tenham a coragem de pôr em liberdade criaturas que nunca deviam estar detidas. Para crime já basta—e esse crime tem atingido também as famílias dos presos, que com os seus lares desprovidos de tudo, vivem numa miséria absoluta.

Um dos presos que não vê também definida a sua situação é o operário Giovanni Michaeli. Desde sexta-feira que declarou a greve da fome, porque há mais de 90 dias se encontra preso sem saber porquê. Ninguém providencia. Dizem-lhe as autoridades que o seu caso está afecto ao consul italiano. Porém, verifica-se que nada há contra ele. E como teime em não comer sem a sua situação ser aclarada, foi ontem conduzido ao posto médico do governo civil para o obrigarem a tomar leite.

Como se negasse, vestiram-lhe um colete de forças e abriram-lhe a boca com um ferro e com o cabo de uma faca, introduzindo-lhe um tubo obrigando-o assim a ingerir aquele líquido. Uma hora depois, tiraram-lhe o colete e regressou ao calabouço de pés amarrados.

Ora em vez destas violências não seria preferível mandá-lo em liberdade porque as autoridades não sabem a razão porque o conservam preso?

Pelo facto deste operário ser preso uma vez, como sucede a todos os outros, é motivo para o terem detido por tempo indeterminado. Demais está provada a sua inocência com documentos em poder das autoridades que bem claramente o demonstram.

As arbitrariedades não podem continuar e para dignidade dum regime que se diz democrático, não devem por mais tempo manter-se as prisões.

Impõe-se, pois, a definição duma situação que não pode persistir—ou entreguem os presos aos tribunais se é que existem culpas, o que se não tom constatado, ou ponham-nos em liberdade.

Este estado de coisas assim é que não pode nem deve continuar.

A entrada dum navio russo no Tejo, constituiu um acontecimento tam inesperado que muita gente duvidou da sua veracidade. Houve quem fosse espelrar à beira do rio e, mesmo assim, receou dos seus próprios olhos.

Mas é verdade. O navio lá está—não em carne e osso, como se diz-se...—mas em metal e madeira.

O artigo de A Batalha de anteontem não causou sensação apenas entre os portugueses. A bordo do Rylejff, depois de traduzido em alemão e do alemão levado enfim ao idioma russo, causou profunda emoção entre os nossos hóspedes russos.

Anteontem, manhã chuvosa, agreste e hostil, o jornalista espelrou a chegada dos tripulantes à terra.

Vieram: o capitão Saenko, o imediato Budnikoff e Klischko, delegado a bordo da União dos Marinheiros Russos. Os seus rostos foram iluminados por um sorriso franco. E após os cumprimentos inevitáveis, entrámos no Royal a tomar o café da manhã e a trocar impressões acerca da nossa visita da véspera. Alguns raros frequentadores daquela hora deixaram-nos olhares desconfiados e pareciam aguardar o momento em que, à sucapa, o capitão nos passasse para as mãos o tam famoso quão hipotético ouro russo—nervo de trágicas revoluções.

Um afectuoso acolhimento  
Oh! burgueses, psalmi e especuladores! Dois automóveis pararam à porta do Royal. E os russos, nós e alguns camaradas que, curiosos, se juntaram, treparam lestos e instalaram-se.

Minutos depois, detinhamo-nos, ali, a Santa Clara, à porta do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército.

E, como se sabe senão o melhor, um dos melhores sindicatos operários da península. E os visitantes russos foram pródigos em elogios às instalações que examinaram com atenção. Após a visita foi servido um delicado copo de água, trocando-se afectuosos brindes.

A despedida teve qualquer coisa de comovente. E capitão Saenko não ocultou a sua emoção, quando uma vibrante e espontânea salva de palmas ecoou nas salas do sindicato, como expressão do ardente desejo de todos os presentes de ver a sociedade radicalmente transformada num sentido melhor, mais belo e mais humano.

Saenko aprendeu algumas palavras portuguesas e foi com surpresa que lhe ouvimos exclamar com entusiasmo:  
— Viva os anarcos-individualistas.  
— Viva o povo português.

Uma manifestação aos tripulantes do navio russo  
A notícia de A Batalha, cujos exemplares se viam nos mãos de toda a gente,

causou tam viva impressão, que, ontem, numerosos grupos de camaradas, deram rendez-vous no Cais do Sodré.

Algumas lanchas que a Federação Marítima pôs à disposição dos curiosos,

cupava, a sua feição correcta, o seu espírito de lealdade. E dizia então:

— Nós estamos contentíssimos e muito gratos por esta grandiosa manifestação. Mas as autoridades portuguesas, talvez imaginem que a nossa vinda aqui

triedades dum regime assente em falsos princípios, existe em Portugal um princípio que não pertence a nenhuma facção política, mas a toda a gente—o princípio da hospitalidade. Foi ele, portanto, que ditou a atitude correcta das autoridades, e o entusiasmo quasi delirante dos visitantes portugueses.

Uma despedida emocionante—Um documento curioso  
Quando partimos do navio, após algumas horas de fraternal convivência com os russos; a bandeira foi hasteada em sinal de continência e a tripulação formou no tombadilho, prestando assim homenagem aos revolucionários portugueses.

Leuções brancas agitavam-se nervosas, numa despedida. Feodosia Felis corria ligeira, à amurada dizendo longos adeuses e as notas da Internacional contada em coro, fizeram eco no rio.

Saenko, o capitão do Rylejff escreveu para A Batalha, o autógrafo que publicamos hoje e que passamos a traduzir:

Ex.<sup>ma</sup> Sr. Redactor  
Pelo a V. a fmeza de inserir no vosso querido jornal o seguinte:

Partindo de Petrogrado com destino a Odessa, no vapor Rylejff, pertencente à República Social Federativa dos Conselhos Russos e chegando ao porto de Lisboa, fiquei verdadeiramente reconhecido pela forma atenciosa e correcta como o primeiro vapor que trazendo a bandeira da minha nação foi recebido pelas autoridades marítimas. E por ser o primeiro vapor que aqui hasteou a actual bandeira russa, é meu dever em nome da República dos Conselhos Russos apresentar sinceros agradecimentos às autoridades marítimas e ao representante do vosso jornal que me deu a honra da sua visita a bordo.

O capitão do vapor Rylejff  
K. Saenko

Alguns marinheiros alemães que vêm a bordo do Rylejff foram ontem recebidos no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, cuja sede visitaram demoradamente, sendo-lhes servidos bolos e vinho do Porto. Trocaram-se brincos afectuosos, tendo reinado entre todos, visitantes e visitados a mais consoladora harmonia.

A' noite, o capitão Saenko, o imediato Budnikoff e a simpática Feodosia, visitaram a redacção de A Batalha, a Confederação Geral do Trabalho e o Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha, cujas instalações examinaram demoradamente.

O Rylejff deve sair hoje, à tarde, com destino a Gibraltar.

## Uma greve heróica

O terror branco em São Pedro da Cova  
Iniciaram-se contra os grevistas acintosas perseguições

PORTO, 13.—A greve dos mineiros de S. Pedro da Cova atingiu o seu período agudo. Até aqui tudo correu sereno, numa resistência pacífica e estoica, atidos os grevistas unicamente à justiça da sua causa e à solidariedade do operariado do Porto e raras localidades do país.

Mas esta luta persistente, titânica e admirável na sua grandeza tolosiana, comoveu os exploradores das minas. Já sabem: a comocão, nestes casos, dos sanguessugas detentores das riquezas sociais, do trabalho de outrem, mesmo que esse sanguessuga seja um ex-socialista Gonçalves de Oliveira, agora também enfileirado nas chorudas da direcção das minas de S. Pedro da Cova—é igual à irritação selvagem das ferocíssimas biénas.

O ano tornara-se gigante, isto é: os farrapos polvilhados de pó carbonífero, evidenciaram-se mais dignos do que as flamantes fatiolas dos donos das minas, todos refulgentes em pedrarias.

A miséria, a fome, a dor, sem outro amparo além do pouco auxílio que os explorados de outros sítios prestam aos mineiros, tem conseguido imperturbavelmente fazer frente à abastança, à opulência, à riqueza proveniente do roubo legal—que a seu lado tem tido todas as forças dos poderes constituidos desta república encobridora de traficantes.

A simplicidade contra a manha, a ignorância contra uma sabedoria mentirosa de calculistas rapinantes!

Esta tolerância mútua existente, que permitia a prolongação duma greve heróica, firme, mas calma, sem dar azo algum a que as autoridades pudessem intervir e debastar o inimigo paciente—não se afigurou de bons resultados para a Companhia mineira, que tantos indivíduos tem milionariado. Os mineiros pareciam mais dispostos a morrerem de fome do que a renderem-se vergonhosamente. Todos os trucs saíram frustrados; nem o próprio abade, agora aliado do ex-socialista Gonçalves, o qual bem se tem arranjado com as suas habilitações, conseguiu com as suas mentirozas cristas ludir toda aquela massa de combatentes contra uma empresa poderosa, que é a ruína de tanta família proletária.

Os grevistas, talvez por uma questão de tática, não deslham ao terror das violências, a despeito da sua situação trágica. Entrincheiraram-se apenas por detrás da resistência evangélica.

E todavia, era necessário mudar o aspecto à campanha, de molde a que se desferisse a luta final.

As minas estão num estado deplorável; os prejuízos são incalculáveis; as chuvas, que já iniciaram o seu tenebroso período de inundações, estão a derreter o resto das cavidades subterrâneas de onde se tem extraído muito carvão, mas onde igualmente tem morrido muito desgraçado em holocausto à principal felicidade de quantos marionetas passado pela direcção da Companhia.

O Tempo, em face do excessivo da-

cifismo dos grevistas, encarrega-se de desempenhar o papel revolucionário de Souvarine.

Assim não pode ser... Não é admissível que os hostes proletários das minas de S. Pedro da Cova continuem a recusar-se a dar batalha em forma provocada pela invasora e napoleónica empresa das célebres minas, preferindo antes aproveitar-se da acção devastadora do inverno—como o exército russo se aproveitou da época hibernal para fazer com que as águas de Napoleão tivessem de abandonar o império moscovita.

Tal operação representaria uma derrota para a ganfivosa socialismo da Companhia.

Previsto um tal desastre, pensou-se numa ofensiva. Dito e feito: inaugurou-se o terror, o período das perseguições. O terror branco impera em S. Pedro da Cova. A violência das autoridades é o derradeiro recurso dos exploradores.

Para assustar, para que os grevistas se desmoralizassem, prenderam-se dez operários das minas, acimados de principais agitadores. Assim, na opinião da Companhia, presos aqueles homens, tudo estaria terminado, pois aqueles dez empilhados eram os que não deixavam trilhar os outros seus camaradas.

Mas, coisa curiosa, quando os tais agitadores estavam nos ergastulos do Aljube, depois de, entre uma força da guarda republicana, terem vindo a pé para esta cidade—rebenlaram dois em tuchos de dinamite junto das residências de dois capatazes das minas, causando, ao que dizem, importantes prejuízos materiais.

Antes da prisão dos agitadores, tudo correu tranqüilamente: os feríveis agitadores não fizeram qualquer gesto dinamitista. Após a sua enclosura, surgiram imediatamente factos misteriosos de atentados aos traidores. Não parece haver um dolo de gigante mercenário, obedecendo a mefistofélicos planos, arquitectados com o fim determinado de se intensificarem as perseguições?

Tem-se visto tanta coisa neste mundo de malandrinhas.

Pelo menos os grevistas estão na persuasão de que os cartuchos de dinamite foram colocados por gente absolutamente estranha ao operariado em luta, baseada-se nas declarações feitas na dias, e na presença de testemunhas, pelo capataz das minas de baixo, Manuel de Oliveira, o "Coto".

Seja, porém, como for, o que nos consta é que os proprietários das casas onde habitam os capatazes amarelos foram prevenidos de que tinham duas coisas a escolher: ou continuavam a trabalhar nas minas, e nesse caso saíam da casa, ou abandonavam as minas, enquanto durar a greve, e nesse caso podiam ficar na habitação. E' que os sequestrados não estão para sofrer as consequências das anedotas dos outros.

Destarte se os atentados foram feitos de acordo para prejudicar os grevis-

tas, os seus resultados foram um tanto ou quanto contraproducentes: é que os capatazes optaram, se não é errada a informação, pelo abandono do serviço.

Sendo assim, vale a pena abaixar um belo negócio. Não explicamos, para que a curiosidade dos nossos leitores fique sofreda.

Um dos capatazes, cujo nome não ocorre agora, é já célebre entre os mineiros pelas suas proezas cometidas em outras greves. O seu prazer é furar, conseguindo um maior número de traidores.

Pois bem: a Companhia ofereceu aquele malandrin 50.000\$00 para que ele consiga furar o movimento, levando os outros à rendição. Até agora nada pôde fazer, e o facto sucedido, além da resolução dos capatazes e dos proprietários das casas onde habitam, veio inutilizar a papa.

É claro que quem havia de pagar esses 50 mil escudos eram os desgraçados que fossem trabalhar vencidos e sob condições de humilhantes represálias.

Fala-se também por aí num histórico jantar de bifalhada que fora oferecido, depois de serem chamados à presença de um dos directores da Companhia—afirmam que do tal socialista Gonçalves—uma uns 14 mineiros. Estes foram chamados para uma conferência e, portanto, nada sabiam do cozinhado.

Essa conferência foi para os endromiar, conseguindo a promessa de que relembrariam, no dia seguinte, o trabalho. Depois, "já que vieram, esperem que vão jantar". Bifes, arrozado, etc.

Ao outro dia, porém, dos 14 só dois apareceram ao combinado, porque já tinham sido crumados. Os outros ficaram no seu posto: não cederam, nem mesmo a bife. De maneira que o homem... ficou papado.

Eis o que se dá, o que se passa e o que consta. Mas apesar de todas as violências ocorridas, apesar da expulsão, pelo administrador do concelho de Gondomar, do representante da Delegação Confederal no Norte junto dos grevistas, para que as coisas continuassem sejam postas de parte—o que já mais conseguiu—a greve prossegue com o mesmo entusiasmo, senão ainda maior visto que as mulheres, em consequência das arbitrariedades das autoridades e da Companhia, são as primeiras a demonstrar a sua energia e o seu sacrifício, incitando os homens a que mantenham a sua coragem até ao fim.

Heróica greve, grandioso exemplo, cuja vitória moral já obtida nos enche de orgulho!

### Comissão Administrativa de A BATALHA

Para apreciação dos relatórios a apresentar na próxima reunião do Conselho Confederal, reúne amanhã esta comissão às 21 horas,

NA BULGARIA  
15.000 operários executados

O ministro socialista Kasakoff manda fuzilar 20 operários

SOFIA, 14.—A insurreição dos operários e camponeses búlgaros contra o governo fascista-socialista de Tsankoff, que depois do seu golpe de Estado, exerce uma repressão brutal contra os agrários e os comunistas, fracassou. As cidades e aldeias que estavam em poder dos operários, foram retomadas pelas tropas do governo, compostas principalmente por macedónios e resto do exército Wrangel.

Este abortamento do movimento operário foi seguido do horrível período de terror branco em todo o país. Nos últimos dias da insurreição um apelo de Tsankoff ao país promelia "sanções severas" e deixava presagiar represálias sangrentas.

Por ordem do governo, as tropas de Wrangel e os "comitadjis" macedónios organizaram um massacre espantoso de operários e camponeses. Até 3 de Outubro foram mortos 15.000 operários. Em Novo-Zagora, um dos centros da insurreição houve 600 execuções; em Lompanka 1.000; em Ferdinand 200.

Berkovica e muitas outras aldeias foram completamente incendiadas. Os prisioneiros foram embarcados em barcos e fuzilados em massa no Danúbio, 20 ferroviários e telegrafistas, foram fuzilados sem julgamento por ordem de Kasakoff, por se recusarem a prestar o seu consentimento ao transporte dos bandos brancos.

O comunista Blagoeff—segundo os jornais—saíu da prisão muito doente, morrendo de súbito em casa. Dizem-se através estas explicações a triste realidade: como Liebknecht e Rosa Luxemburg, Blagoeff foi assassinado. (E.)

### Cerveja "Estréla"

Da nova Companhia de Cervejas "Estréla", acompanhando um amável convite para visitarmos as instalações da sua fabrica, recebemos duas caixas de cervejas, que foram distribuídas pelo nosso pessoal, gentileza que agradecemos.

## Um director falido

Para o público, os governantes, e os "ilustres" pais da pátria conhecerem até onde vai a falência moral e técnica de Plínio Silva nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

Para que o público e os governantes não julguem que a atitude de Plínio Silva e a sua falência como dirigente dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, só agora foi constatada, que fui eu o único a constata-la e para que se possa avaliar o valor das palavras do mesmo Plínio Silva e das esperanças que ele pode dar aos que teimem em consentir-lhe como director, vamos hoje transcrever o artigo de fundo, que o órgão do pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste—"O Sul e Sueste"—publicou no dia 9 de junho do ano corrente, epígrafa de A Falência e no qual se denuncia a falência moral e técnica de Plínio Silva no Sul e Sueste.

Tenha-se em vista porém que esse artigo traduz a convicção do pessoal e constitui a sequência de outros artigos como a primeira resolução da Conferência Inter-Sindical Cooperativa do Sul e Sueste, realizada no Barreiro, em 20 de Maio, que proclamou ostensivamente e publicamente a já referida falência, não só de Plínio Silva, como dos restantes dirigentes dos Caminhos de Ferro e que foi publicada em 27 do mesmo mês no número 78 de "O Sul e Sueste".

Segue a transcrição:

"Os homens que passam só ficam os factos ou as suas obras, a atestarem a grandeza do seu espírito ou a sua banal passagem por esta vida. Dos que há quasi dois anos se encontram nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste como dirigentes, ficaram apenas as palavras a afirmarem uma vasta ilustração ou a denunciarem um espírito autoritário, incompatível com o exercício de qualquer função civil. Palavras e só palavras é o que ficaram desses homens que aqui foram recebidos com esperança e com sinceridade, no momento da sua posse. Está de pé o que escrevemos em 1922. Sómente se modificou na parte em que deixaram de corresponder às necessidades morais dos ferroviários e às exigências técnicas do serviço para atenderem às indicações e à pressão dos que no Sul e Sueste só tem tido a missão de liquidar moralmente os dirigentes perante o pessoal. No resto,

continua certo. São novos, inteligentes, mas sem vontade. Da sua acção, da sua actividade técnica, ficaram apenas palavras, como coisas aproveitáveis. Factos, só os que atestam a negação pura e completa do bom senso. Obras, apenas as que confirmam a sua falta de tática. Resultado: De útil, apenas as palavras e nem todas. De mau e péssimo, os factos.

Não há exagero no que afirmamos. O que é a obra do sr. Plínio Silva no Sul e Sueste, como director? Uma obra de palavras. A sua obra de factos tem sido sempre a injustiça, a violência, a ilegalidade e o arbitrio. Como técnico, a sua acção nos Caminhos de Ferro está limitada às medidas de violência que fez adoptar sem resultado útil. Como político, a sua tática foi das piores e das menos reveladoras dum espírito de observação deixando-se arrastar por quem só procurou aproveitar-se duma influência pessoal para satisfazer conveniências.

Como homem, nada mais fez do que revelar a sua ilustração, sem a pôr ao serviço duma causa colectiva, como com facilidade fazem os homens da sua idade, cheios de confiança no futuro. A simpatia dos que lutam e protestam, mas que não tem ambições pessoais a satisfazer, alienou-a em favor das conveniências e das ambições dos que o rodeiam e que de sua pessoa se tem servido para satisfazer os seus desejos. Não quiz ouvir a voz trovoante da multidão, porque a sua frase era violenta e irreverente. Preferiu a voz melíflua dos conselheiros raposas e a suavidade dos gestos das suas cohortes. Acostumou-se com mais agrado a ouvir falar na ordem e na disciplina do que na revolta e no protesto. Suportou que a sua figura insinuante e simpática seria suficiente para conquistar uma classe e nunca reparou que a figura dos muitos que o rodeiam eclipsava a sua, até ao ponto de a tornarem quasi odiosa para os ferroviários, produzindo apenas palavras, esgrimindo com factos negativos e com gestos que o inimigo não aproveitou

para uma liquidação rápida, por consequência. Julgou vir na sua frente, em vez duma resistência séria, um simples castelo de cartas—quando o sindicato se apresentou. Como uma criança embalsada ao som duma canção—deixou-se adormecer pelas palavras dos aduladores. Acreditou no desbaratamento da organização duma classe; na falta de solidariedade do Sindicato. Não deu ao que sempre lhe foi apresentado com forma definida, com ideias racionais, com princípios claros e com objectivos marcados, a importância que se dá às causas que existem. Aos factos, porque só com factos o sindicato actuou, não deu a importância que eles tinham.

Como a sua obra era de palavras, coligou-se com os que só palavras tem produzido. Não teve auxiliares. Repudiou algumas colaborações honestas só por que politicamente discordava desses colaboradores. Ligou-se de alma e coração aos seus aduladores. Nos chefes de serviço encontrou, em vez de auxiliares, ou rapazes sem vontade própria, e por consequência não reagindo contra as suas exigências ou espíritos irritantes que mais o puzeram em cheque. Se assim não fosse teria sucedido em todos os serviços o que sucedeu no de Via e Obras, onde se resistiu, onde não há o ódio, o desespero, onde se não castiga por método.

Não quiz, enfim, ser o dirigente duma massa organizada, que no campo técnico lhe ofereceu a sua colaboração. Preferiu vencer essa massa, desmembrá-la, retirar-lhe as possibilidades de defesa, reduzi-la à impotência para a subordinar à sua vontade. Não o conseguiu. Empregou a violência, retirou direitos, alargou a esfera da acção disciplinar castigando sem relutância, fez o favor político para conseguir um aplauso à acção que desenvolvem, fez, enfim, tudo quanto um director inteligente e um político perspicaz não fariam.

Chegou a um resultado prático—a falência.

Faltou, como não queríamos que faltasse, Faltou estrondosamente.

Hoje, do sr. Plínio Silva existe no Sul e Sueste apenas a sua figura cle-

## AS GREVES

## Conflito entre carpinteiros navais e calafates

O que a proposta nos disse o secretário geral do Comité do Norte da Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais

PORTO, 14.—Ultimamente, a proposta da última greve, deu-se uma espécie de scisão entre os carpinteiros navais e os calafates, os quais, por uma resolução da assembleia geral da classe dos artistas construtores navais das duas margens do rio Douro, efectuada em 5 do corrente, ficaram suspensos dos seus direitos sindicais...

Este lamentável conflito, longe de se harmonizar, tende a agravar-se, esboçando-se até ameaças com armas diversas contra os referidos carpinteiros.

Como este caso está sendo discutido com interesse, não só entre todas as outras classes fluviais e marítimas do norte, mas também entre as terrestres, resolvemos ir ouvir um dos militantes operários da organização marítima, a fim de nos inteirarmos das verdadeiras razões da dissidência.

O secretário geral do Comité do Norte da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais — pois este o militante em referência — não se fez rogado ao nosso desejo, explicando-nos logo:

—Como deve ser do conhecimento de todos, a Associação de Classe dos Artistas Construtores Navais das Duas Margens do Rio Douro reclamou, ultimamente, um aumento de salário. Como, porém, os mestres se recusaram a atender tal petição, alegando a sua impossibilidade no actual momento, do novo reunião aquela classe, resultando que a sua anterior deliberação fora modificada.

—Os mestres construtores navais, entre outras desculpas, fundamentam-se no pouco trabalho existente; é baseado nestas alegações, que a segunda assembleia modificou a primitiva resolução, segundo a qual é solicitada aos mestres para que os auxiliares sejam despedidos, isto é: aqueles carpinteiros que não são de machado... Assim, o trabalho ficaria só para os calafates e os carpinteiros de machado, que se consideram os únicos efectivos... Segundo eles, sendo aceite esta plataforma, o serviço duraria mais tempo...

—E os mestres concordaram com esse licenciamento?

—Não. Acharam-no injusto e recusaram-se terminantemente a demitir os ajudados auxiliares. Em face desta atitude, voltou a reunir a classe, a qual, por imposição dos calafates, votou a greve...

—Contra os ditos auxiliares...

—Sim, porque pretendem exclusivamente para si todo o serviço da sua especialidade, não consentindo que, a excepção dos seus filhos, outros aprendam o ofício, pouco se preocupando com as consequências que da sua errônea tática possa resultar...

—Efeitos do corporativismo estreito, reminiscência da antiga organização medieval, cujo egoísmo exclusivista a presente constituição social tanto favorece...

—Sem dúvida... A greve, pois, foi proclamada, e os mestres faziam a declaração categórica de que os seus calafates estão prontos a dar trabalho a todos os auxiliares e a qualquer carpinteiro de machado (os considerados efectivos) que assim o quizesse. Então os calafates, por causa dos quais foi votada a greve contra os auxiliares, apresentaram-se aos mestres e, prontificando-se a trabalhar com os mesmos auxiliares, aconselharam-nos a não atendermos os carpinteiros...

—Mas isso é o que há de mais extraordinariamente incorrecto e traíçoeiro — avançamos nós —

—Os auxiliares — continuou o nosso entrevistado, depois de confirmar o nosso dito com um sorriso significativo — na presença da guerra que lhe estava sendo feita pelos calafates, resolveram abandonar o trabalho, o que fizeram imediatamente. Não queriam que por sua causa, se prolongasse o conflito... Deixou-lhes o caminho aberto, franco...

—Gesto altivo...

—Que modificou por completo a atitude dos carpinteiros, constatando-o perfeitamente com o estranho procedimento dos calafates... No entanto, a greve continua e dura já há 5 semanas. O que neste período de tempo se passou, seria fastidioso enumerar. Basta apenas citar este facto: é que não foi possível encontrar uma plataforma, visto que não se entendiam... A Federação Marítima estava na expectativa, em consequência da classe não ser sua aderente; e a todos os baptizados, ninguém pôde ser convidado...

Os operários acusavam os mestres de desdizerem à tarde o que afirmavam pela manhã; estes, por sua vez, não só acusavam aqueles da mesma falta, se não também afirmavam que as comissões não representavam o sentir da classe... As coisas continuaram assim até ao momento em que a voz de três carpinteiros, que de há muito desejavam a ligação com a Federação, se fez ouvir, do que resultou a classe pedir a intervenção daquele organismo federativo, que gostosamente acedeu, enviando-nos a classe impetrante como seu delegado.

—Expuzemos, ali, o nosso critério, que é antagonico à expulsão dos «auxiliares», quando mais não fosse, por um princípio de humanidade. Se todos assim pensassem como os calafates, ainda mais atrasada se encontraria a nossa indústria...

Qual a razão dessa afirmativa?

—Eles dizem o contrário... — Suponha que os operários construtores navais são todos solteiros, ou que, mesmo casados, a procriação é diminuta ou nenhuma. Eles iam morrendo e com eles a construção naval, visto que são os seus filhos e que seriam admitidos à aprendizagem...

—Aprovado o nosso critério por unanimidade, dirigimo-nos imediatamente ao sr. José da Silva Lapa, presidente do Grémio dos Construtores Navais (patrões), e da conversa havida chegámos à conclusão de que o conflito se resolveria, visto que aquele senhor essa boa vontade. Depois enviámos-lhe um officio apresentando-lhe uma plataforma conciliatória, ao qual, em nome de todos os mestres, respondeu com outro, notificando que, por unanimidade de votos, como anunciara já o *Journal de Notícias* de 9 de outubro, fora aceite a dita plataforma. Surgiram, porém, ainda umas dificuldades, mas as de pronto foram removidas, após mais umas duas entrevistas, uma a convite da classe e outra do sr. José da Silva Lapa. A associação, em face desta resolução satisfatória, resolveu irradiar os calafates e editar um manifesto expondo a razão do seu proceder...

—E ficou-se por aqui?

—Não. Sem coações de quem quer que seja, sem qualquer influência nossa a propósito das últimas resoluções que vamos dizer, pois limitamo-nos neste caso a ser apenas ouvintes — deliberou imediatamente a Federação Marítima, U. S. O. e C. G. T.

Eis o motivo do conflito entre os carpinteiros navais e os calafates... Para completa elucidação deste assunto, damos a seguir a plataforma que a Federação propôs ao Grémio dos Construtores Navais do Porto e Gaia:

1.º — Os artistas construtores navais das duas margens do rio Douro retomam o trabalho na próxima segunda-feira, 8 do corrente, à hora regulamentar, com o mesmo salário de antes da greve.

2.º — Os operários associados exercerão o trabalho juntamente com os auxiliares nomeando-se ou criando-se um Conselho Técnico, composto por 4 carpinteiros e por 3 Mestres, o qual passará a dar-nos as ordens que julgarmos necessárias, e só a excluir aqueles que julgarmos desconhecer a profissão.

3.º — Os auxiliares poderão retomar o serviço mais tarde, o que a isso forem obrigados por forças de circunstâncias maiores.

4.º — De harmonia com o Conselho Técnico os Mestres Construtores Navais poderão admitir, provisoriamente, operários carpinteiros, para desenvolvimento das obras, os quais serão despedidos pelos Mestres logo que estes os julgarem dispensáveis.

5.º — A inscrição de aprendizes será livre, sendo preferidos os filhos dos Mestres e dos associados.

6.º — Este acordo não implica com futuras reclamações de ordem moral e material que qualquer das partes resolva fazer.

7.º — A Associação dos Artistas Construtores Navais aprovou, por unanimidade de votos, a bases dos Mestres, visto que a mesma não altera a matéria básica da plataforma para a solução do conflito.

8.º — Os referidos «auxiliares» retomam o trabalho no dia imediato.

## AS GREVES

## Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA DO COMITÉ

Camaradas! — Tendes sabido manter uma atitude que nos habilita a prever que não fraguejareis por muito tempo que tenha de ser a luta a sustentar. A firmeza com que entrastes no quarto dia de greve deveis mantê-la enquanto não obtivermos a vitória.

Julgavam os armadores encontrar nas três classes de longo curso o mesmo número de inconscientes de 1920, mas disso devem estar já desiludidos.

Os inconscientes de outrora são hoje revoltados que, reconhecendo quanto tem de infame o procedimento dos que sugam o seu suor, estão dispostos a repellar com toda a energia as afrontas de Correia da Silva e seus comparsas.

Estão os srs. armadores confiados em que humildemente lhes bateremos à porta no dia em que a fome bater à nossa?

Se disseis estão convencidos, uma vez mais se enganam. A fome, já o disseis, é uma conselheira. Em vez da humildade, que degrada, provoca em geral a revolta, que, embora tome por vezes um aspecto terrível, dignifica sempre quem por ela é possuído em circunstâncias tão angustiosas.

Os srs. armadores, elaborando um despoítico regulamento e recorrendo a um injustificável lock-out, mais uma vez manifestaram uma lamentável falta de raciocínio, de que por certo muito terão que se arrepender.

Camaradas! O vosso Comité exorta-vos a manterdes a mesma digna atitude de nosso tempo na sua acção, que há de ser coroada pela vitória a que tendes inalienável direito e que se cifra na satisfação do justíssimo aumento de salário reclamado e na anulação do regulamento elaborado por ineptos.

Viva a nossa greve!

Viva a organização operária!

O Comité

NOTA OFICIOSA DA COMISSÃO DE DEMARQUES

Camaradas! Tem esta Comissão prosseguindo nos seus trabalhos para a solução do nosso movimento, pelo que conseguiu que o armador do *Newport*, rebouco de longo curso, tivesse atendido as reclamações formuladas.

Dois armadores, portanto, vieram já ao nosso encontro, esperando esta Comissão novas adesões para breve.

Nos navios que estão descarregando as tripulações continuam a seu bordo até que esse serviço esteja concluído. Isto até ulterior resolução, se contido, em qualquer deles, uma parte da tripulação for suspensa, os restantes tripulantes devem também sair imediatamente.

Por este meio, são convidados a reunir, hoje, pelas 18 horas, na respectiva sede sindical, a classe de marinheiros e moços.

A Comissão de Demarques

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

## Vida Sindical

## C. G. T.

## Comité Confederal

Para apreciação de assuntos urgentes reúne hoje o Comité Confederal às 21 horas sendo necessária a comparencia de todos os seus componentes.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Reúne amanhã, com a presença de todos os delegados, às 21 horas.

## COMUNICAÇÕES

Federação Corticeira Nacional. — Reúne o Conselho Federal, apreciando o expediente ao qual deu o devido andamento.

Foi apreciada a necessidade da realização do 3.º congresso corticeiro, sendo resolvido que o mesmo se realize o mais breve possível, ficando nomeada a comissão organizadora que vai encetar os seus trabalhos. Sobre a greve da casa Cabeçadas.

O conselho constata que se o movimento não está já solucionado com vitória para a organização, é devido à falta de solidariedade manifestada por criaturas cuja situação particular arrastou a prejudicar a organização corticeira em geral. O conselho resolve elucidar detalhadamente de que lado estão as responsabilidades da perda do mesmo movimento se tal facto se vier a dar, e para isso vai publicar o *Corticeiro*, que elucidará a classe do que se tem passado referente à greve da casa Cabeçadas.

Foi nomeado editor do *Corticeiro* o delegado do sindicato de Almada, Benigno António de Jesus. Também foi preenchida a vaga do delegado da C. G. T.

Operários Chapelheiros. — Reúne a assembleia geral que apreciou o relatório e contas da comissão transita, que foi aprovado, sendo em seguida nomeados para secretários da mesa, Belmiro da Silva e Armando Madeira, por delegados à U. S. O. Angelo Mota e Manuel Fernandes.

Apreciou-se também a circular da U. S. O. sobre a conferência inter-sindical, à qual foram nomeados delegados os camaradas acima mencionados e Carlos Cruz.

No final foi aberta uma quete em favor dos presos por delitos de carácter social, que rendeu 10\$15.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina. — Esta comissão, desejando no mais curto espaço de tempo liquidar e apresentar contas da festa realizada em benefício da Escola de Ensino Livre da C. Civil, vem por esta forma convidar os camaradas a quem foram confiados bilhetes a vender, a fim de, sem perda de tempo, vir junto da comissão da festa prestar as respectivas contas.

S. U. Mobilário. — Comissão de Melhoramentos. — Reúne esta comissão para apreciar o caso das horas suplementares e a Carpintaria Mecânica Portuguesa Lda. Das informações colhidas e reuniões havidas com o pessoal veri-

## POR ESSE MUNDO A SITUAÇÃO NA ALEMANHA

Em Dusseldorf produzem-se graves acontecimentos

DUSSELDORFF, 15. — Devido à carestia de viveres foram assaltados os estabelecimentos e armazéns da cidade, quebradas as montras e efectuados muitos roubos. A polícia alemã não sendo impotente para dominar os assaltantes, tendo-se demonstrado a necessidade das tropas francesas substituírem a polícia da cidade, a cavalaria francesa entrou em acção dispersou os manifestantes e prendeu numerosos assaltantes. Tem havido desordens e ataques indelicados em muitos distritos da área francesa incluindo Vicsaden e Hochstamm onde a Câmara Municipal foi cercada por algumas horas por operários, tendo as forças dadas várias das cargas, tendo ficado um operário morto e vinte feridos.

Também em Oberhausen e em Gelsenkirchen houve assaltos tendo sido invadidos os mercados de manhã muito cedo, continuando os assaltos às lojas até à meia noite. Os cafés e os locais de divertimento não foram encerrados. Nalgumas cidades as autoridades francesas improvisaram uma polícia local para substituir a polícia verde, mas que se revelou incapaz de fazer face à situação. Em Gelsenkirchen abandonaram a cidade, fugindo ao ataque dos assaltantes, que em número de muitos milhares, fizeram o que lhes aprouve até que as forças francesas intervieram.

Os Trade-Unionistas auxiliaram as tropas a varrer as ruas batendo-se de modo desordenado contra os assaltantes. Em Colónia houve relativo sossego tendo as tentativas de assalto sido apenas tentativas isoladas. O multiplicador dos preços para hoje foi fixado em 480 milhões, o que deve reduzir o custo da vida em cerca de 50%. De futuro o multiplicador será calculado no preço médio do dólar nas Bolsas de Colónia, Berlim e Frankfurt.

As autoridades proibiram todos os comícios durante três dias e os desfilamentos ingleses estão prontos a intervir se a polícia não puder fazer face à situação. As autoridades inglesas estão muito satisfeitas com a acção exercida pela polícia alemã em Colónia, que impediu os assaltos na parte central da cidade onde há maior número de estabelecimentos.

Os proprietários das minas do Ruhr, decidiram demitir 20% dos empregados mais novos e dar trabalho só três vezes por semana aos outros. Espera-se que esta resolução dê motivo a novos tumultos.

O comício separatista que se pretendia realizar em Gelsenkirchen não deu resultado, porque uma multidão ameaçadora de 15 a 20.000 pessoas não permitiu que ele se realizasse. Os comunistas aproveitaram a oportunidade para fazer larga propaganda das suas ideias, dispendendo em vários pontos grandes recursos.

Recomeçou o funcionamento geral dos comboios que conduzem carvão. Na manifestação dos desempregados em Neustadt deram-se conflitos ficando muitos operários feridos.

Governo em ditadura

LONDRES, 15. — A aprovação pelo Reichstag no sábado, do projecto de lei, dando plenos poderes ditatoriais ao governo do sr. Stresemann foi a primeira vitória daqueles que pensam que os interesses do povo alemão devem ser postos em primeiro lugar do que os interesses do sr. Stines e do pequeno grupo de homens que possuem a parte de leão da riqueza alemã.

Stines escreveu ao chanceler Stresemann em nome dos possuidores das minas da Westfália, pedindo-lhe entre outras coisas que o informe se o governo está disposto a reembolsar os proprietários de minas pelas quantidades de carvão entregues à comissão de reparações. O chanceler replicou que era impossível que o governo fizesse mais do que conceder créditos necessários antes da exploração se fazer na totalidade e que ainda isto representaria um grave encargo e um grande esgotamento do governo.

Horrorosa explosão

VARSÓVIA, 15. — Já morreram 200 pessoas e estão 500 em estado grave devido à explosão de 2.000 toneladas de explosivos na cidade de Varsóvia. Atribui-se o caso a manobras dos russos mas parece que se deve atribuir a negligência dos guardas dos paços.

Um novo empréstimo

ATENAS, 14. — Foi aprovado o empréstimo à Grécia para auxiliar os refugiados. A proposta foi apresentada ao gabinete e devia ter sido hoje submetida à assinatura do rei. O Banco da Grécia receberá por este motivo um milhão de libras esterlinas do Banco de Inglaterra.

Polónia

VARSOVIA, 15. — Já morreram 200 pessoas e estão 500 em estado grave devido à explosão de 2.000 toneladas de explosivos na cidade de Varsóvia. Atribui-se o caso a manobras dos russos mas parece que se deve atribuir a negligência dos guardas dos paços.

Grande crise de trabalho

DUSSELDORFF, 15. — A situação económica na região do Ruhr é cada vez mais inquietadora. Há falta de viveres e falta de numerário, tendo a resolução dos industriais de reduzir o trabalho semanal agravado ainda mais a situação dos operários. Nalgumas minas prevê-se a paralisação completa do trabalho acarretando ainda maiores misérias.

Coluna esperantista

Popola Esperantista Klubo. — Efectua-se hoje na Associação dos Empregados de Escritório a reunião semanal do *Klubo*, à qual devem comparecer todos os componentes.

Inglaterra

A aviação trágica

LONDRES, 14. — O grande avião francês Mancyrol que morreu no sábado em Lympe, encontrou a morte quando pretendia bater o *record* de altura. Já no próprio dia em que morreu tinha voado de manhã, numa forma admirável. Quando desceu à tarde a máquina perdeu o governo, precipitando-se no solo da altura de 120 pés. Mancyrol que ficou muito ferido na cabeça morreu poucos minutos depois.

Concurso de aviação

LONDRES, 14. — Terminou o curso de aviação em Lympe. O prêmio de mil libras do *Daily Mail* e o prêmio de 500 libras do duque de Southland para o mínimo gasto de gasolina foram divididos entre James Filthie o tenente Longton. O prêmio de 500 libras para velocidade foi ganho pelo capitão Macmillan. O prêmio de 300 libras foi ganho por Bekler e o de 200 libras por Pjersy.

América

Lloyd George está cansado

QUEBEC, 15. — Lloyd George declarou que não pode aceitar mais convites para discursar em qualquer ponto, visto que apenas tem tempo para cumprir integralmente o seu programa para poder regressar à Inglaterra dois dias antes da abertura do Parlamento.

Grécia

Um novo empréstimo

ATENAS, 14. — Foi aprovado o empréstimo à Grécia para auxiliar os refugiados. A proposta foi apresentada ao gabinete e devia ter sido hoje submetida à assinatura do rei. O Banco da Grécia receberá por este motivo um milhão de libras esterlinas do Banco de Inglaterra.

Polónia

Horrorosa explosão

VARSÓVIA, 15. — Já morreram 200 pessoas e estão 500 em estado grave devido à explosão de 2.000 toneladas de explosivos na cidade de Varsóvia. Atribui-se o caso a manobras dos russos mas parece que se deve atribuir a negligência dos guardas dos paços.

Grande crise de trabalho

DUSSELDORFF, 15. — A situação económica na região do Ruhr é cada vez mais inquietadora. Há falta de viveres e falta de numerário, tendo a resolução dos industriais de reduzir o trabalho semanal agravado ainda mais a situação dos operários. Nalgumas minas prevê-se a paralisação completa do trabalho acarretando ainda maiores misérias.

Coluna esperantista

Popola Esperantista Klubo. — Efectua-se hoje na Associação dos Empregados de Escritório a reunião semanal do *Klubo*, à qual devem comparecer todos os componentes.

Inglaterra

A aviação trágica

LONDRES, 14. — O grande avião francês Mancyrol que morreu no sábado em Lympe, encontrou a morte quando pretendia bater o *record* de altura. Já no próprio dia em que morreu tinha voado de manhã, numa forma admirável. Quando desceu à tarde a máquina perdeu o governo, precipitando-se no solo da altura de 120 pés. Mancyrol que ficou muito ferido na cabeça morreu poucos minutos depois.

Concurso de aviação

LONDRES, 14. — Terminou o curso de aviação em Lympe. O prêmio de mil libras do *Daily Mail* e o prêmio de 500 libras do duque de Southland para o mínimo gasto de gasolina foram divididos entre James Filthie o tenente Longton. O prêmio de 500 libras para velocidade foi ganho pelo capitão Macmillan. O prêmio de 300 libras foi ganho por Bekler e o de 200 libras por Pjersy.

América

Lloyd George está cansado

QUEBEC, 15. — Lloyd George declarou que não pode aceitar mais convites para discursar em qualquer ponto, visto que apenas tem tempo para cumprir integralmente o seu programa para poder regressar à Inglaterra dois dias antes da abertura do Parlamento.

Grécia

Um novo empréstimo

ATENAS, 14. — Foi aprovado o empréstimo à Grécia para auxiliar os refugiados. A proposta foi apresentada ao gabinete e devia ter sido hoje submetida à assinatura do rei. O Banco da Grécia receberá por este motivo um milhão de libras esterlinas do Banco de Inglaterra.

Polónia

Horrorosa explosão

VARSÓVIA, 15. — Já morreram 200 pessoas e estão 500 em estado grave devido à explosão de 2.000 toneladas de explosivos na cidade de Varsóvia. Atribui-se o caso a manobras dos russos mas parece que se deve atribuir a negligência dos guardas dos paços.

## JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — A reunião convocada para hoje fica adiada para a próxima sexta-feira, em virtude de não estarem ainda concluídos os trabalhos que nela devem ser apresentados.

Reúne hoje a Comissão Executiva, pelas 20 horas.

Secção da Construção Civil. — Reúne hoje a Comissão Executiva, que convidou a todos os jovens da indústria a virem a inscrever-se nesta secção todos os dias das 20 horas em diante.

Secção de Belém. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a comissão administrativa em conjunto com a comissão de arrolamento pedindo-se que nenhum camarada falte.

Secção de Palma. — Não reuniu por falta de número, ficando adiada a reunião para hoje, pelas 20 horas, com a comparencia de todos os camaradas.

## EDEN-TEATRO

Telefone 3800 Norte

Empresa Teatral Campos & Correia, Ltd

Companhia Portuguesa de Opereta e Revista

Director artistico HENRIQUE ALVES

Director da orquestra ALVES COELHO

HOJE HOJE

A'S 21 E UM QUARTO (9 e um quarto da noite)

Grandioso Sucesso

A representação da célebre opereta portuguesa, em 3 actos original de Eduardo Schwalbach Lucci

musica do maestro Filipe Duarte

O Chico das Pégas

desempenhada pelos artistas do elenco desta Companhia

e pelo popular e querido actor

NASCIMENTO FERNANDES

no seu antigo papel de

O salmonete

SECCAO TELEGRAFICA

Federações

MOBILIARIA

Pôrto. — S. U. Mobilário. — Por lapso não enviamos recibo da última requisição; segue primeira correspondência.

Lourenço Marques. — S. Geral Classes Trabalhadores. — Recebemos officio de 17 p. p.

METALURGICA

Sindicato de Peniche. — Deve ser Coimbra o que preguntais.

Lagos. — Recebemos 400\$00, para pagamento atrasado e enviamos o que pedis. Respondam ao nosso officio.

Covilhã. — Digam com urgência o que se passa.

Beja. — É necessário responderem ao nosso officio de 8 do corrente.

V. R. de S.º António. — O que pedem no ultimo officio, procedam conforme vossa consciência.

Sindicatos de Braga, V. do Conde, Póvoa de Varzim e V. Nova de Gaia. — Respondam à nossa circular.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Recreativa Nacional. — É convocada a reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para apreciar os actos da actual direcção.

Caso não appareça o numero legal de sócios, fica a assembleia transferida para 23 do corrente com a mesma ordem de trabalho.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

VIRGILIO ARRAIANO



